

**A utilização da estrutura pronome demonstrativo + dêixis espacial como
esvaziamento semântico dos pronomes demonstrativos no português brasileiro:
uma análise pragmática de tuítes de teor político**

The use of the structure demonstrative pronoun + spatial deixis as semantic emptying of
demonstrative pronouns in brazilian portuguese: a pragmatic analysis of political tweets

Rafaelly Bonadiman Vieira¹
Mônica Lopes Smiderle de Oliveira²

Resumo: Este artigo analisa e discute, com base em pressupostos da Linguística Funcionalista e da Pragmática, a estrutura formada por pronome demonstrativo seguido de advérbio dêitico espacial em tuítes políticos, especialmente as combinações “este aqui”, “este aí”, “esse aqui” e “esse aí”. Os oito tuítes analisados foram selecionados com auxílio da ferramenta de busca avançada disponibilizada pela rede social, através da qual foi possível determinar as palavras-chave e delimitar o período de 02 de outubro de 2022, dia do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras, a 01 de janeiro de 2023, data em que o novo presidente do Brasil foi empossado. Esse trabalho propõe mostrar que, somado ao esvaziamento semântico da classe gramatical dos pronomes demonstrativos, os advérbios dêíticos “aqui” e “aí” que compõem a estrutura a ser estudada passam pelo processo de gramaticalização do tipo *lato sensu*, que, resumidamente, refere-se às mudanças ocorridas no interior da gramática, sem que haja, obrigatoriamente, alteração de categoria gramatical. Além dos fatores estritamente gramaticais, o objeto de estudo exige atenção para os aspectos pragmáticos que o engendram. Valendo-se das máximas propostas por Grice ([1967]1982), pretende-se evidenciar, através de uma abordagem qualitativa, que os falantes são explicitamente prolixos quando localizam ou delimitam o referente do demonstrativo por meio do acréscimo do advérbio dêitico, já que o pronome demonstrativo teria potencial para fazê-lo sozinho. Contudo, agem assim por dois motivos suficientemente válidos: a manutenção da clareza do enunciado e a manifestação de posicionamentos subjetivos.

Palavras-chave: Pronome demonstrativo. Advérbio dêitico. Linguística funcionalista. Pragmática.

Abstract: This article analyzes and discusses, based on the assumptions of Functionalist Linguistics and Pragmatics, the structure formed by a demonstrative pronoun followed by a spatial deictic adverb in political tweets, especially the combinations “este aqui”, “este aí”, “esse aqui” and “esse aí”. This work proposes to show that, in addition to the semantic emptying of the grammatical class of demonstrative pronouns, the deictic adverbs “aqui” and “aí” that make up the structure to be studied undergo the process of grammaticalization of the *lato sensu* type, which, in short, refers to the changes that occur within the grammar, without there necessarily being a change in the grammatical category. In addition to strictly grammatical factors, the object of study requires attention to the pragmatic aspects that engender it. Using the maxims proposed by Grice ([1967]1982), we intend to show, through a qualitative approach, that speakers are explicitly prolix when they locate or delimit the referent of the demonstrative by adding the deictic adverb, since the demonstrative pronoun would have the potential to do this on its own. However, they do this for two sufficiently valid reasons: to maintain the clarity of the utterance and to express subjective positions.

Keywords: Demonstrative pronoun. Deictic adverb. Functionalist linguistics. Pragmatics.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: rafaellyvieira2015@gmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: monicasmiderle@yahoo.com.

Considerações iniciais

É usual encontrar informações a respeito da distribuição tripartida dos pronomes demonstrativos no português brasileiro. Empregados para situar os objetos e seres no entorno espaço-temporal da pessoa discursiva, a classe dos pronomes demonstrativos costuma ser assim distribuída: este(s), esta(s) e isto demarcam a relação de proximidade entre algo e a primeira pessoa do discurso (singular ou plural); esse(s), essa(s) e isso demarcam a relação de proximidade entre algo e segunda pessoa do discurso (singular ou plural) e, por fim, aquele(s), aquela(s) e aquilo demarcam a relação de proximidade entre algo e a terceira pessoa do discurso (singular ou plural).

Sobre essa divisão, Azeredo (2008) pontua que não há uma correspondência precisa entre os demonstrativos e as pessoas do discurso, já atestada, inclusive, na modalidade escrita da língua. Para o linguista, emissor e destinatário, em sua terminologia, pertencem ao domínio da interlocução e se opõem a um segundo âmbito, o da pessoa externa à interlocução. Bagno acrescenta que a escolha dos pronomes demonstrativos se vincula mais às “relações afetivas de proximidade ou distância que o escritor estabelece com o objeto, o tempo, o lugar e o evento discursivo designados” (2012, p. 792).

Com isso, a distinção entre esse(s)/essa(s)/isso e este(s)/esta(s)/isto deixa de ser relevante, pois ambos se associam à esfera da interlocução, resultando no desaparecimento progressivo do segundo conjunto de demonstrativos recém-apresentados, provavelmente, por uma questão de articulação sonora e de economia linguística. Para compensar, os falantes tendem a acrescentar os advérbios “aqui” e “aí” após os pronomes demonstrativos que compõem o primeiro conjunto, tanto na modalidade falada quanto escrita da língua. Assim, o quadro dos demonstrativos propende às formas esse(s)/essa(s)/isso + aqui, esse(s)/essa(s)/isso + aí e aquele(s)/aquela(s)/aquilo + lá/ali.

Os advérbios dêiticos, de modo semelhante, também se apresentam tripartidos na língua portuguesa. Os falantes utilizam “aqui” ou “cá” para apontar proximidade espacial de algo, sintética e superficialmente, com a primeira pessoa do discurso (singular ou plural); “aí” para apontar proximidade espacial de algo com a segunda pessoa do discurso (singular ou plural) e, por último, “ali” ou “lá” para apontar proximidade espacial de algo com a terceira pessoa do discurso (singular ou plural).

Esse quadro mostra que há um esforço de economia linguística por parte dos falantes ao associarem os advérbios dêiticos “aqui” e “aí” aos pronomes “esse(s)” “essa(s)” e “isso”. Entende-se por economia linguística a disposição das mudanças ocorridas em uma dada língua para (i) facilitar o processamento cognitivo e a concretização física da língua e (ii) torná-la mais eficiente em termos de comunicabilidade. Nota-se, entretanto, que ainda há convivência entre as formas demonstrativas tradicionalmente associadas às primeiras e

segundas pessoas do discurso, como será exemplificado adiante com tuítes políticos, embora as formas atreladas à primeira pessoa discursiva sejam preteridas.

Essa coexistência, somada ao desbotamento semântico das formas demonstrativas, força a presença do advérbio dêítico para tornar mais eficaz a identificação e o processamento do(s) referente(s). Dito de outra forma, quanto menos acessível a informação estiver para o(s) ouvinte(s), maior quantidade de forma será empregada e, nesse contexto, o contrário também é válido. Este é um dos subprincípios — da quantidade — do princípio da iconicidade, amplamente difundido na Linguística Funcionalista.

Se, por um lado, a construção pronome demonstrativo + dêixis espacial mostra a tendência de os falantes do português brasileiro conceptualizarem o quadro dos demonstrativos a partir da divisão entre domínio interno à interlocução e domínio externo à interlocução, acentua, por outro, mudanças no emprego dos advérbios dêíticos. Possivelmente, os advérbios dêíticos “aqui” e “ai” passam pelo processo de gramaticalização do tipo *lato sensu*, que, resumidamente, se refere às mudanças ocorridas no interior da gramática, sem que haja, obrigatoriamente, alteração de categoria gramatical do elemento.

Alguns teóricos funcionalistas propõem que, semanticamente, a trajetória de gramaticalização se manifesta na passagem do concreto para o abstrato. Entidades abstratas emergem da experiência humana com o mundo concreto. Traugott e Heine (1991), por exemplo, propõem a seguinte escala para representar o processo de *abstratização gradativa* no percurso de gramaticalização dos elementos linguísticos: *espaço* > (*tempo*) > *texto* (Cunha; Costa; Cezario, 2015, p. 46).

Além de suscitar uma explicação predominantemente gramatical, a estrutura exige atenção para os aspectos pragmáticos que a engendram. Valendo-se das máximas griceanas, este artigo propõe mostrar que os falantes são explicitamente prolixos quando delimitam o referente do demonstrativo por meio do acréscimo do advérbio dêítico, já que o pronome demonstrativo teria potencial para, sozinho, fazê-lo. Contudo, assim agem por dois motivos suficientemente válidos: a manutenção da clareza do enunciado e a manifestação de posicionamentos subjetivos.

Grice ([1967]1982) previa, em seus estudos, que o falante poderia deixar de cumprir uma máxima pelo fato desta conflitar com a manutenção de outra. No caso em estudo, trata-se de conflito interno à máxima do modo, especificamente, entre as submáximas a) “seja breve, não seja prolixo” e b) “seja claro”. Ainda, similar ao subprincípio da quantidade explanado anteriormente, a máxima da quantidade será válida para explicar o surgimento de tal estrutura.

Os falantes, conscientes da atual indiferenciação semântica entre os pronomes demonstrativos de primeira e segunda pessoas do discurso, normalmente reconhecida

apenas por indivíduos mais escolarizados, optam por inserir um advérbio dêitico. Acrescentam, portanto, uma informação necessária à especificação do referente que, como consequência, facilita a identificação deste pelo ouvinte.

O princípio cooperativo de Grice

Ao ler ou escutar a palavra cooperação, o leitor pode ser instado a pensar, inicialmente, na colaboração mútua entre dois interagentes que visam a um resultado comum. De fato, cooperar atrela-se a domínios mais concretos da atividade humana, mas não se restringe a eles. Em geral, essa expectativa colaborativa faz parte do comportamento racional do ser humano e pode, por isso, ser considerado intencional.

É nesse sentido que Herbert Paul Grice, filósofo da linguagem, se debruça sobre os esforços empregados pelos interagentes em suas interações verbais e elabora o Princípio da Cooperação, doravante PC, tornado público na comunicação intitulada *Logic and Conversation* (1967). Segundo tal princípio, cabe aos envolvidos fazer “sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (Grice, [1967]1982, p. 86).

O PC é constituído por máximas, categorizadas como Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. A primeira está relacionada com a quantidade suficiente de informação a ser fornecida pelo falante para o propósito da conversação, isto é, que não seja aquém ou além do requerido. A segunda está atrelada à veracidade da contribuição e, para isso, faz-se necessário não dizer inverdades ou coisas para as quais não se tenham evidências. A terceira está associada à relevância e pertinência do que é dito para o momento da conversa, admitindo-se que o tópico da conversação pode ser legitimamente alterado. Por fim, a quarta máxima está concatenada ao modo como o que é dito pode ou deve ser dito. Prevalece, neste tópico, a noção de clareza – de não obscuridade, não prolixidade, não ambiguidade e desordenação.

A posição de ver a fala como uma variedade do comportamento intencional, agora a partir das máximas mencionadas, é exemplificada pelo filósofo com uma analogia bastante profícua em esfera de transação não estritamente linguística: imagine que, ao fazer um bolo, uma pessoa necessite de certos produtos ou objetos no momento certo. Suponha, também, que outro indivíduo esteja no ambiente e se disponha a ajudar.

Assim, é esperado que, se o(a) cozinheiro(a) solicitar açúcar, o(a) ajudante não lhe dê sal, pois vigora nesse tipo de interação a máxima da qualidade. De forma semelhante, espera-se que o(a) ajudante fique atento às etapas de preparo da receita, ou seja, observe a máxima da relevância, já que no início da receita não será necessário dispor de uma forma untada, ainda que seja válida posteriormente. Cria-se, ainda, a expectativa de que quem for fazer a função de ajudante saiba executá-la de modo eficaz; por outro lado, é desejado que o(a)

cozinheiro(a) seja breve e claro em suas considerações e pedidos (Grice, [1967]1982, p. 89). Entende-se, portanto, que o ato de cooperar é esperado socialmente e, por isso, também está presente na conversação.

A violação, às vezes chamada de exploração, das máximas citadas é um recurso por meio do qual o falante consegue transmitir informações que extrapolam o significado do dito, isto é, do significado literal das sentenças. De modo amplo, há quatro maneiras de transgredir as máximas conversacionais. Dessa forma, o falante pode a) violar uma máxima não ostensivamente por meio de uma mentira velada; b) posicionar-se fora do campo de atuação das máximas e do Princípio de Cooperação como um todo; c) deixar de preservar uma máxima porque conflita com o cumprimento de outra; d) deixar de cumprir uma máxima, ainda que não haja nenhuma condição contrária a sua manutenção (Grice, [1967]1982, p. 91-92).

Tal relação entre o que o falante disse e o que ele quis dizer quando rompe uma máxima conversacional produz um fenômeno denominado *implicatura*. Salienta-se que a existência de uma implicatura não invalida o Princípio da Cooperação, pois

[...] os ouvintes preferem assumir que o falante está obedecendo ao princípio ao assumirem que ele é tão irracional e imprevisível, ao ponto de não poder participar de uma conversa racional. [...] Como falante/ouvinte de uma língua natural numa sociedade, o falante espera que o ouvinte adote a estratégia de interpretar o comportamento linguístico. Desse modo, os falantes se consideram livres para explorar isso, e falam achando que seu comportamento está sendo entendido (Lins, 2008, n.p).

Assim, falante e ouvinte colaboram para a construção de sentidos nas interações verbais nas quais estejam engajados.

Gramaticalização, discursivização e informatividade na Linguística Funcionalista

A Linguística Funcionalista caracteriza-se por considerar a língua um mecanismo interacional de estrutura maleável, sujeito a pressões de uso dos diversos contextos comunicativos, portanto, não autônomo. A própria sintaxe, âmbito em que as análises estruturais encerradas em si mesmas predominam no polo formalista, passa a ser compreendida a partir das relações existentes entre forma e procedimentos para a organização da informação.

Percebe-se que os estudiosos funcionalistas frisam a necessidade de estudar a língua em uso, pois somente dessa maneira é possível compreender a constituição de sua gramática. Esta é compreendida por Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 42) como o conjunto de regularidades e padrões de uma língua resultantes de pressões de uso e cognitivas, e que, no discurso, está sujeito a adaptações oriundas das estratégias dos falantes para organização de seus textos.

É da gramática e do discurso que surgem os fenômenos de *gramaticalização* e *discursivização*. Associados aos processos de variação e mudança linguísticas e, portanto, de regularização do uso da língua, tais fenômenos demonstram o caráter dinâmico das línguas de estarem continuamente se autoconstruindo. Cunha, Costa e Cezario (2015) assim compreendem os fenômenos de gramaticalização e discursivização:

Quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno presente na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis, em termos de regras seletivas, podemos dizer que ele sai da gramática e retorna ao discurso. Assim, na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por ter acabado de começar, mas se regulariza com o uso, com a repetição, passando a exercer uma pressão suficiente para fazer com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma, entrando na gramática (gramaticalização). No momento de estabilização, verifica-se o nível de iconicidade maior, isto é, relação transparente entre expressão e conteúdo, resultando no máximo de economia comunicativa e no máximo de rentabilidade sistemática. Essa estabilidade, entretanto, é relativa e aparente. O que foi sistematizado entra em um processo de desgaste, com liberdade progressiva da expressão em termos de restrição de ocorrência, e com liberdade progressiva do conteúdo em termos de desbotamento e esvaziamento semântico. Assim, as unidades migram para um nível não-gramatical, no sentido de que elas deixam de obedecer às restrições de seleção, e literalmente retornam ao discurso (discursivização) (Cunha; Costa; Cezario, 2015, p. 42).

Muitos fatores, como aqueles relacionados às necessidades comunicativas dos falantes, podem motivar o desenvolvimento de estruturas gramaticais novas, quicá mais expressivas. Alterações de escolha e ordem vocabular, por exemplo, evidenciam o anseio do falante em alcançar maior expressividade e informatividade nas suas produções verbais. Na Linguística Funcionalista, o Princípio da Informatividade considera que os falantes informam aos demais interagentes uma série de coisas relacionadas aos seus mundos exteriores ou interiores e atuam de forma a manipulá-los conforme a intencionalidade de cada ato comunicativo. A informatividade é cara aos estudos de referenciação, especialmente na percepção de como um referente é introduzido e, posteriormente, retomado.

Em relação à referenciação, Cavalcante *et al.* (2022) afirma que é uma atividade dinâmica, intersubjetiva e situada de (re)construção de objetos de discurso (ou referentes). Dessa forma, os objetos de discurso não resultam de uma mera atividade de designação ou etiquetamento das coisas do mundo (Marcuschi, 2007), mas mostram como os sujeitos podem perceber realidades, estabelecer suas expectativas e negociar sentido(s). Os referentes ao serem negociados e categorizados ao longo do texto atuam de maneira significativa para a produção de sentido.

É importante destacar que a referenciação é uma prática discursiva estratégica em que o objeto de discurso é construído através da interação dinâmica entre os participantes, o texto em si e os eventos textuais envolvidos. Assim, refere-se ao processo de reconstruir o referente ou objeto de discurso mediante essa interação. Os objetos de discurso são os temas tratados no texto, que são tematizados e se relacionam indiretamente com o que é focado, mas não são conceitos pré-existentes que o texto simplesmente interpreta, pois emergem organicamente no momento único e irrepetível do texto, sendo considerados fluidos (Cavalcante *et al.*, 2022).

Dessa forma, dentro de um novo contexto discursivo, uma entidade classificada pode ser reclassificada, uma vez que as categorias são frequentemente descritas como "fluidas, mutáveis e adaptáveis", dependendo da intersubjetividade estabelecida entre os participantes da interação. Diante disso, a recategorização é uma estratégia de designação na qual os interlocutores têm a capacidade de apresentar novamente os objetos de discurso de maneira reformulada, ajustando-se às diversas condições de enunciação.

Conforme Koch (2011), o contexto inclui não apenas o que está diretamente relacionado ao texto (cotexto), mas também a situação interativa imediata entre os sujeitos e o contexto sociocognitivo mais amplo que envolve os conhecimentos compartilhados e práticas sociais dos interlocutores que, ao utilizarem os dêiticos, tendem, de acordo com Cavalcante (2000), refletir não só o condicionamento mútuo entre o sujeito em seu contexto sociocultural e a linguagem, mas também a relação de referencialidade e informatividade.

O estudo da informatividade e dos fenômenos de gramaticalização e discursivização ensejam os seguintes questionamentos: (I) Os advérbios "aqui" e "aí", na estrutura pronome demonstrativo + dêixis espacial, estão em processo de gramaticalização? (II) Os pronomes demonstrativos "este" e "esse", na estrutura pronome demonstrativo + dêixis espacial, estão em processo de discursivização? (III) O acréscimo de dêiticos espaciais aos pronomes demonstrativos têm algum impacto na informatividade e expressividade do enunciado?

Resultados

A partir das considerações apresentadas, parte-se para a análise do objeto de estudo em oito tuítes de teor político, publicados na rede social Twitter no período de 02 de outubro de 2022, dia do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras, a 01 de janeiro de 2023, data em que o novo presidente do Brasil foi empossado. Os textos que constituem o *corpus* deste trabalho pertencem ao gênero tuíte, escolhido para a análise das manifestações "este aqui", "este aí", "esse aqui" e "esse aí" por três razões: (I) é mais suscetível às inovações linguísticas; (II) é próximo da oralidade, embora manifestado, predominantemente, na modalidade escrita (*continuum* fala/escrita) e (III) é composto, geralmente, por uma linguagem multimodal.

A fim de delimitar o objeto de estudo, selecionam-se as quatro combinações de pronome demonstrativo acrescido de advérbio dêitico, listadas a seguir:

Quadro 1 - Combinações de pronome demonstrativo + advérbio dêitico selecionadas para análise

PRONOME DEMONSTRATIVO	ADVÉRBIO DÊITICO	Nº DE TUÍTES SELECIONADOS
ESSE	AQUI	3
	AÍ	2
ESTE	AQUI	2
	AÍ	1

Fonte: elaboração própria.

Opta-se por chamar cada uma das possibilidades de combinação, seguida de um número que a identifique. Assim, a estrutura “esse aqui” será denominada de Combinação I; “esse aí” de Combinação II; “este aqui” de Combinação III e, por último, “este aí” de Combinação IV.

Figura 1 - Expressão “esse aqui do chão” em tuíte de teor político



Fonte: Safadeza (2022)³.

³ SAFADEZA, Ministro do Frete e da. **Qual a lógica de espalhar santinhos pelo chão domingo cedo de eleição? Certeza que as pessoas olham e pensam “olha não tenho candidato, vou pegar esse aqui do chão”**. 02 out. 2022. Twitter: @Zelindo_eu. Disponível em: https://twitter.com/Zelindo_eu/status/1576497661162622976. Acesso em: 12 jan. 2023.

Conforme a Figura 1, a fim de iniciar a discussão acerca da Combinação I, seleciona-se um tuíte, publicado em 02 de outubro de 2022, que critica a poluição das ruas com “santinhos” de candidatos a cargos políticos. Explorando a máxima da qualidade ao dizer algo que considera expressamente falso no trecho “Certeza que as pessoas olham e pensam ‘olha não tenho candidato, vou pegar esse aqui do chão’”, o autor potencializa sua crítica pela ironia sem, contudo, se envolver em partidarismos. Além de violar a máxima da qualidade, pode-se observar a exploração da máxima do modo no emprego da expressão “esse aqui do chão”.

Diferentemente dos casos a serem comentados a seguir, o exemplo da Figura 1 é representativo por mostrar que o advérbio dêitico não é tido como suficiente pelo falante para marcar aproximação concreta do objeto descartado com a primeira pessoa do discurso (nesse caso, quem se depara com os papéis espalhados) e, por isso, vê-se a necessidade de acrescentar outra expressão locativa (“do chão”). O falante viola a submáxima que prevê a observância de ser breve e não prolixo na linguagem para garantir a clareza de seu enunciado. Visto que a apreciação negativa recai sobre a atitude de descartar santinhos políticos em vias públicas e não sobre a existência do material de divulgação, é justificável a presença do sintagma preposicionado “do chão” como estratégia de realce. Ainda, embora tenha sido mais informativo do que o requerido, haja vista o conteúdo imagético dar subsídio à interpretabilidade do material verbal, a informação excedente colabora para intensificar a indignação do falante.

Refletindo a tendência de mudança do quadro dos pronomes demonstrativos, a forma “esse” é selecionada juntamente com o advérbio “aqui” para apontar um objeto próximo da primeira pessoa do discurso, oculta em “olha [eu] não tenho candidato, [eu] vou pegar esse aqui do chão”. Já é possível evidenciar que há, com os pronomes demonstrativos, um processo de desgaste e liberdade “do conteúdo em termos de desbotamento e esvaziamento semântico” (Cunha; Costa; Cezario, 2015, p. 42). O advérbio “aqui”, no tuíte da Figura 1, aponta para um objeto no espaço concreto, exercendo, portanto, sua função prototípica.

Figura 2 - Expressão “esse aqui” em tuíte de teor político



Fonte: Martins (2022)⁴.

O tuíte da Figura 2, publicado em 17 de outubro de 2022, transfere um personagem tipicamente natalino, o Papai Noel, para o universo militar e patriótico através da farda e da bandeira do Brasil ao fundo. O “capitão Santa Claus” subverte o estereótipo de bom velhinho e assume o papel de corrigir “quem não foi um bom menino”, supostamente presenteando com sua presença. Diante disso, verifica-se que

[...] a ‘recategorização’ é, por definição, uma alteração nas associações entre representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, em nossa visão pública de mundo. A menor ou maior desestabilização da categoria em mudança é o próprio traço, explícito ou implícito, que define a recategorização de um referente, quer tenha ele sido já introduzido no discurso para ser transformado, quer não tenha sido e se recategorize apenas mentalmente, no próprio momento em que o anafórico remete indiretamente à sua âncora (Cavalcante, 2013, p. 132).

Dito isto, percebe-se como a estrutura “esse aqui” reage positivamente a dois fluxos: (I) localizar o referente no espaço virtual, a saber, o Papai Noel, e (II) demarcar aproximação ideológica entre a pessoa/conta que publicou o tuíte e o conteúdo deste, reafirmada pela presença de duas bandeiras nacionais após o nome do usuário e tomada como indício de vinculação ideológica por ter sido o pavilhão apropriado pela extrema-direita como símbolo partidário.

⁴ MARTINS, Nubia. **Esse aqui não entra pela chaminé, ele mete o pé na porta e presenteia quem não foi um bom menino**. 17 out. 2022. Twitter: @NubiaMartins17. Disponível em: <https://twitter.com/NubiaMartins17/status/1604125353307512832>. Acesso em: 19 dez. 2022.

Como previsto, o esvaziamento semântico do pronome demonstrativo “esse” é compensado pelo advérbio dêitico “aqui”, que passa por um processo de abstratização. Isso porque, nesse caso, o advérbio não demarca exclusivamente proximidade de algo com a(s) primeira(s) pessoa(s) do discurso, mas uma filiação ideológica. Ademais, não aponta para um espaço concreto, mas virtual e textual compartilhado, tendência já expressa na escala de gramaticalização *Espaço > (Tempo) > Texto*.

Pragmaticamente, o elemento dêitico é importante para garantir o cumprimento da máxima da quantidade, pois fornece informações capazes de especificar o referente e reforçar de que se trata de uma valorização da imagem do Papai Noel militar, não do “bom velhinho” tradicional. Sobre isso, vide o abandono da tradicional vestimenta vermelha, cor predominante na bandeira do Partido dos Trabalhadores (PT), que é extremamente pertinente para o propósito da situação comunicativa, dito de outro modo, que ilustra a atuação da máxima da relevância. Para finalizar, considera-se a violação da máxima do modo pelo fato de a falante não ter sido clara o suficiente acerca do teor do ato de “presentear” e por ter empregado expressões usualmente metafóricas, como “entra pela chaminé” e “mete o pé na porta”.

Figura 3 - Expressão “esse aqui” em tuíte de teor político



Fonte: Felipe (2022)⁵.

⁵ FELIPE. **Esse aqui ficou quatro anos em Brasília fingindo que era deputado e recebia o salário de vereador lá no Rio de Janeiro; agora ele está preocupado com o gasto!!** 19 dez. 2022. Twitter: @Felipe_82. Disponível em: -. Acesso em: 19 dez. 2022.

Para finalizar a exposição sobre a primeira combinação, recorre-se a um tuíte que comenta outra postagem da mesma rede social que, por sua vez, critica o conteúdo de uma notícia jornalística publicada em 17 de outubro de 2022. Como pode ser conferido na Figura 3, a postagem inicia-se com a expressão “esse aqui”, fazendo referência ao autor da postagem em camada, Carlos Bolsonaro. Esta interpretação é reforçada pelas informações seguintes “ficou quatro anos em Brasília fingindo que era deputado e recebia o salário de vereador lá no Rio de Janeiro”, as quais só podem estar atreladas à figura de Carlos Bolsonaro, não a Luís Inácio Lula da Silva, referente presente verbal e imageticamente no recorte da notícia. Deve-se levar em consideração que

[...] um referente não é introduzido no texto apenas por expressões referenciais, nem é retomado somente com outra expressão. Admitir isso é supor, de fato, o objeto de discurso como uma entidade que resulta da dinâmica interacional do texto. Se é para essa constatação que têm se encaminhado as noções de anáfora e dêixis, como fenômenos de referenciação, então será necessário aceitar que o fenômeno da anáfora é mais amplo que o uso de um anafórico, e que o fenômeno da dêixis é mais amplo que o uso de um dêítico (Cavalcante; Martins, 2020, p. 249).

Assim, ao levar-se em consideração que tanto o referente Carlos Bolsonaro quanto o referente Lula estão disponíveis na mesma situação discursiva, duas perguntas surgem: a) o que motivou o falante a reforçar a demonstração com o dêítico “aqui”? e b) o que dá subsídio ao ouvinte para estabelecer corretamente a referência?

Para responder às perguntas, pode-se pensar em uma questão de proximidade textual, ratificando a escala *Espaço* > (*Tempo*) > *Texto*. Textualmente, o referente Carlos Bolsonaro é mais próximo de quem faz o discurso crítico do que o referente Lula e, portanto, é apresentado como “esse aqui”, forma substitutiva do pronome “este”. Com o objetivo de manter a clareza de seu enunciado para que não parem dúvidas sobre a identificação do referente, o falante ainda fornece informações a respeito do cargo político do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro e do local onde o exercia, em uma busca, ainda que não intencional, pelo cumprimento das máximas da quantidade e do modo. O ouvinte, nesse contexto, se esforça em fazer as conexões corretas e em garantir a manutenção do princípio cooperativo, inclusive para perceber a ironia contida em “agora ele está preocupado com o gasto”, clara violação da máxima da qualidade e do modo.

Figura 4 - Expressão “esse aí” em tuíte de teor político



Fonte: Simas (2022)⁶.

Adentra-se, agora, na análise de tuítes que contêm a estrutura “esse aí”, categorizada como Combinação II. Como se vê, na Figura 4, associado à postagem de Sergio Moro, o produtor do *repost* afirma “Esse aí não vale nada”, dirigindo-se, explícita e criticamente, ao ex-ministro da Justiça e Segurança Pública do governo Jair Bolsonaro. O advérbio dêítico, nesse contexto, não marca de forma estrita proximidade com a(s) segunda(s) pessoa(s) do discurso, mas um distanciamento ideológico daquele que critica em relação ao alvo da crítica, o que demonstra a progressiva abstratização do elemento gramatical.

A utilização de “esse aí”, no tuíte 4, é uma maneira de revelar um posicionamento de negação em relação às boas intenções de Sérgio Moro ao repudiar os ataques sofridos pela ministra Carmen Lúcia. Ainda, talvez como um protesto velado e como forma de aumentar a depreciação do outro e de suas atitudes, o falante opta em dar preferência à expressão “Esse aí não vale nada” ao invés de “Sérgio Moro não vale nada”. Assim, preserva a máxima da qualidade por dizer o que considera ser verdadeiro, bem como a máxima do modo por ser claro em sua explanação e não abrir margem para interpretações dúbias e, por último, a máxima da relevância por garantir a sustentação da crítica.

⁶ SIMAS, Vinicius. **Não serve de nada repudira as agressões e alimentar a máquina que gera estes ataques! Esse aí não vale nada.** 23 out. 2022. Twitter: @viniussimas. Disponível em: <https://twitter.com/viniussimas/status/1584156796238802944>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Figura 5 - Expressão “esse aí” em tuíte de teor político



Fonte: Cordeiro (2022)⁷.

Em resposta ao tuíte “Pela vontade de um povo digno, trabalhador, a favor da igualdade de tds, esse é o nosso presente em fim”, acompanhado por uma fotografia de Lula e Alexandre de Moraes, conforme Figura 5, um usuário da rede afirma “TRABALHADOR DE QUE? Esse aí viveu a maior parte da sua vida sendo sustentado e bancado com nosso dinheiro. Trabalhador sou eu! HIPOCRITAS!”. Nesse exemplo, percebe-se que a estrutura “esse aí” responde a dois fluxos concomitantemente, são eles: a) demarcar, textualmente, proximidade de algo com a segunda pessoa do discurso e b) evidenciar distanciamento ideológico e partidário entre o usuário que respondeu ao tuíte e o perfil que o publicou originalmente e, por consequência, das figuras políticas retratadas na imagem.

No primeiro caso, o advérbio dêitico “aí” situa o referente, o atual presidente do Brasil, próximo à pessoa que publicou o tuíte alvo da crítica. No entanto, como o leitor consegue de forma inequívoca relacionar “esse aí” a Lula e não, por exemplo, à autoria da postagem criticada ou a Alexandre de Moraes? Nesse caso, parece que o advérbio não é suficiente para

⁷ CORDEIRO, Eduardo. **Trabalhador de que? Esse aí viveu a maior parte da sua vida sendo sustentado e bancado com nosso dinheiro. Trabalhador sou eu! Hipócritas!** 13 dez. 2022. Twitter: @EduardoKelvio2. Disponível em: <https://twitter.com/EduardoKelvio2/status/1602627181984845825?cxt=HHwWgsC8mcq71r0sAAAA>. Acesso em: 13 jan. 2023.

restringir a referência, ausência suprida pela informação “viveu a maior parte da sua vida sendo sustentado e bancado com nosso dinheiro”, que faz alusão à extensa carreira política de Lula, não vista como trabalho pelo produtor do tuíte em primeiro plano. Além disso, o leitor percebe a oposição entre os textos e, por isso, entende que o tom elogioso ao conceber Lula como presidente é substituído por um tom depreciativo na resposta.

Em termos pragmáticos, a forma como o referente é codificado fornece informações a respeito de como ele é concebido por quem escreveu o tuíte e isso está atrelado à máxima do modo, ou seja, como o que é dito deve ou pode ser dito. Nesse caso, a expressão “esse aí” pode provocar obscuridade na interpretação do texto por parte do ouvinte, contudo, é ela quem potencializa o teor negativo da crítica.

Figura 6 - Expressão “este aqui” em tuíte de teor político



Fonte: Ladina (2022)⁸.

⁸ LADINA, Marcelo. **O meu presidente é este aqui, capitão @jairbolsonaro. Temente a Deus defensor da pátria e da família.** 28 dez. 2022. Twitter: @marcelo_ladina. Disponível em: https://twitter.com/marcelo_ladina/status/1608245362548002817. Acesso em: 12 jan. 2023.

Figura 7 - Expressão “este aqui” em tuíte de teor político



Fonte: Sempre (2022)⁹.

Apesar de serem menos utilizados, os pronomes demonstrativos canonicamente associados às primeiras pessoas do discurso ainda se materializam em textos do português brasileiro, vide os dois últimos tuítes expostos. Em ambos, o pronome demonstrativo sozinho bastaria para apontar alguém ou alguma coisa próximo virtualmente de quem produziu o texto, porém, por uma questão pragmática, introduz-se o dêitico espacial “aqui”.

A informação destacada pela utilização dessa estrutura, no exemplo 6, é a de que o falante se refere a um presidente específico, não a outro; e no exemplo 7, ao card atual, não ao antigo acometido por algum erro. Assim, considera-se que os falantes rompem com a submáxima de ser breve, da máxima do modo, e com a máxima da quantidade a fim de preservar a clareza de suas produções textuais escritas.

De forma semelhante ao tuíte da Figura 2 deste trabalho, o tuíte da Figura 6 vale-se do advérbio “aqui” para reforçar um sentimento de identificação/aprovação da autoria em relação à figura retratada na imagem. Note que o produtor da postagem não acha suficiente utilizar a expressão “este aqui” e anexar uma fotografia de Jair Messias Bolsonaro e, por isso, menciona o endereço eletrônico do perfil do então presidente da República. Essas evidências

⁹ SEMPRE, Esquerda. **Quem quiser usar o card, usem este aqui; pra variar, poste errado.** 27 dez. 2022. Twitter: @LadyCasannova. Disponível em: <https://twitter.com/LadyCasannova/status/1607901088794959873>. Acesso em: 13 jan. 2023.

indicam uma violação explícita da máxima da quantidade, já que há mais informações do que a situação requer, justificada pelo propósito comunicativo do falante em demonstrar, por um lado, apoio a Bolsonaro e, por outro, insatisfação e negação pelo resultado das eleições democráticas (tuíte publicado em 28 de dezembro de 2022, portanto, posterior à divulgação do resultado das eleições, em 30 de outubro de 2022).

Apenas como adendo à discussão sobre a indistinção semântica entre as expressões “esse aqui” e “este aqui”, comutáveis em vários contextos, comenta-se que o perfil produtor da postagem da Figura 7 emprega-os de forma indiscriminada nas republicações de tuítes que contêm o card.

Figura 8 - Expressão “este aí” em tuíte de teor político



Fonte: Dafonseca (2022)¹⁰.

A última combinação selecionada, conforme Figura 8, é composta pelo pronome demonstrativo “este”, tipicamente associado à primeira pessoa do discurso, e pelo advérbio dêitico “aí”, utilizado para localizar referentes próximos da segunda pessoa do discurso. Por essa incongruência, a estrutura foi a mais difícil de ser encontrada dentre as quatro possibilidades de combinação elencadas neste trabalho. Nesse emprego, ela deixa entrever

¹⁰ DAFONSECA, A. **Este é o país do futebol que acha que estes caras são honestos, que elege eles baseado em personalidades, ao invés de escolherem seus candidatos visando melhorar o país! O resultado é este aí!!** 18 dez. 2022. Twitter: @ANewUser_20. Disponível em: https://twitter.com/ANewUser_20/status/1604581943022166016. Acesso em: 19 dez. 2022.

o posicionamento do falante, que se sente indignado com certos resultados eleitorais e as consequências advindas deles.

O dêitico espacial simboliza, mais do que a localização de uma informação no espaço virtual anterior (ou acima) — apontando que o resultado ao qual se refere é o retratado na manchete em anexo —, uma repulsa do usuário frente ao possível resultado de um voto irrefletido, qual seja, o desvio de dinheiro público, em suma, a corrupção. Por um viés pragmático, “este aí” corresponde à tentativa do falante em não ser repetitivo, conforme a máxima do modo, haja vista apontar para uma informação precedente: “Justiça manda Romário devolver 350 mil reais aos cofres públicos”.

Além disso, a combinação “este aí” é uma forma de assegurar que nenhuma informação além da requerida para a situação comunicativa seja adicionada, bastando aos interagentes fazerem as conexões necessárias à compreensão textual. Por se tratar de um tuíte que critica o perfil corrupto de muitos políticos eleitos, é relevante (máxima da relevância) que o posicionamento ideológico de quem o publicou seja aparente aos leitores interessados, e isso acontece de múltiplas formas, dentre as quais pela opção em incorporar à demonstração um dêitico espacial.

Apenas a título de complementação, salienta-se que o tuíte da Figura 8 é um exemplo contundente para atestar o esvaziamento semântico dos pronomes demonstrativos no português brasileiro. O falante utiliza três vezes o pronome demonstrativo “este(s)”: no primeiro caso, faz referência a algo que ainda será abordado, a saber, “o país do futebol” ou, de forma subentendida, o Brasil; no segundo emprego, aponta para um referente implícito, do qual “Romário”, referente já explicitado verbal e visualmente, faz parte; no terceiro caso, enfim, aponta para uma informação localizada na manchete da Veja que o usuário utiliza para fundamentar sua crítica. Dentre os usos, apenas o primeiro corresponde ao que é apregoado como correto em manuais gramaticais prescritivos; os demais fogem ao prescrito.

Considerações finais

O artigo “A utilização da estrutura pronome demonstrativo + dêixis espacial como esvaziamento semântico dos pronomes demonstrativos no português brasileiro: uma análise pragmática de tuítes de teor político” buscou, a partir de um viés funcional-pragmático, possíveis motivações que ensejam a utilização de advérbios dêiticos espaciais como elementos complementares aos pronomes demonstrativos. Sintetizam-se, a seguir, os principais resultados obtidos:

(I) O esvaziamento do conteúdo semântico dos pronomes demonstrativos associados à primeira e segunda pessoas discursivas é uma realidade do português escrito no Brasil. Em virtude disso, os falantes preterem as formas “este(s)”, “esta(s)” e “isto” em prol das formas

“esse(s)”, “essa(s)” e “isso” acrescidas dos advérbios dêiticos “aqui” e “aí” para apontarem referentes localizados no âmbito da interlocução;

(II) Os advérbios dêiticos espaciais deixam de apontar, exclusivamente, para o entorno físico. Direccionam, também, para o ambiente virtual e para a parte do texto que se pretende enfocar. Ainda, vinculam sentidos que, embora atrelados à ideia de aproximação ou afastamento, demarcam o posicionamento ideológico do falante, como a oposição subentendida exemplificada pelo tuíte da Figura 6. Essa gradação de sentido permite lançar um olhar para a possível trajetória de gramaticalização desses itens gramaticais;

(III) A utilização das estruturas “este aqui”, “este aí”, “esse aqui” e “esse aí” respondem à demanda do falante em se fazer entender, isto é, de ser claro em sua produção verbal (vide, inclusive, a presença de imagem, de endereço eletrônico ou de mais de uma expressão locativa nos textos analisados). Nesse sentido, garantir a clareza é estimada, em detrimento de evitar prolixidade ou almejar ser breve, três submáximas griceanas do modo. Além disso, embora fornecendo uma quantidade suplementar de informação, no que se refere ao fato de situar os seres no espaço ou de indicar proximidade em relação às pessoas discursivas, o acréscimo dos dêiticos espaciais é imprescindível para a manifestação de opiniões e crenças dos falantes.

Ciente da complexidade da temática abordada no artigo e das limitações inerentes a um trabalho de fôlego inicial, pretende-se estender o estudo e apresentar resultados ancorados em um *corpus* mais amplo.

Referências

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1939>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Uma relação entre dêixis e metadiscursividade. **Revista de Letras**, v. 39, n. 2, p. 56-63, 2020b.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CORDEIRO, E. **Trabalhador de que? Esse aí viveu a maior parte da sua vida sendo sustentado e bancado com nosso dinheiro. Trabalhador sou eu! Hipócritas!** 13 dez. 2022. Twitter: @EduardoKelvio2. Disponível em: <https://twitter.com/EduardoKelvio2/status/1602627181984845825?cxt=HHwWgsC8mcq71r0sAAAA>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

DAFONSECA, A. **Este é o país do futebol que acha que estes caras são honestos, que eleger eles baseado em personalidades, ao invés de escolherem seus candidatos visando melhorar o país! O resultado é este aí!!** 18 dez. 2022. Twitter: @ANewUser_20. Disponível em: https://twitter.com/ANewUser_20/status/1604581943022166016. Acesso em: 19 dez. 2022.

FELIPE. **Esse aqui ficou quatro anos em Brasília fingindo que era deputado e recebia o salário de vereador lá no Rio de Janeiro; agora ele está preocupado com o gasto!!** 19 dez. 2022. Twitter: @Felipe_82. Disponível em: __¹¹. Acesso em: 19 dez. 2022.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. V.4. Pragmática. Campinas, UNICAMP. 1982, p. 81-103.

LADINA, M. **O meu presidente é este aqui, capitão @jairbolsonaro. Temente a Deus defensor da pátria e da família.** 28 dez. 2022. Twitter: @marcelo_ladina. Disponível em: https://twitter.com/marcelo_ladina/status/1608245362548002817. Acesso em: 12 jan. 2023.

LINS, M. P. P. A pragmática e a análise de textos. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 2, n. 2, p. 158-176, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. N.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. 2. ed., 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, N. **Esse aqui não entra pela chaminé, ele mete e o pé na porta e presenteia quem não foi um bom menino.** 17 out. 2022. Twitter: @NubiaMartins17. Disponível em: <https://twitter.com/NubiaMartins17/status/1604125353307512832>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SAFADEZA, M. F. **Qual a lógica de espalhar santinhos pelo chão domingo cedo de eleição? Certeza que as pessoas olham e pensam “olha não tenho candidato, vou pegar esse aqui do chão”.** 2 out. 2022. Twitter: @Zelindo_eu. Disponível em: https://twitter.com/Zelindo_eu/status/1576497661162622976. Acesso em: 12 jan. 2023.

SEMPRE, E. **Quem quiser usar o card, usem este aqui; pra variar, postei errado.** 27 dez. 2022. Twitter: @LadyCasanova. Disponível em: <https://twitter.com/LadyCasanova/status/1607901088794959873>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SIMAS, V. **Não serve de nada repudira as agressões e alimentar a máquina que gera estes ataques! Esse aí não vale nada.** 23 out. 2022. Twitter: @viniussimas. Disponível em: <https://twitter.com/viniussimas/status/1584156796238802944>. Acesso em: 12 jan. 2023.

¹¹ O tuíte possivelmente foi excluído pelo perfil que o publicou, já que não é mais possível encontrá-lo disponível na plataforma.

Sobre as autoras

Rafaelly Bonadiman Vieira

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2032-3707>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduada em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Ufes.

Mônica Lopes Smiderle de Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4973-7129>

Doutora e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), especialista em Informática Educativa pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), graduada em Letras Português pela Ufes. Professora formadora do curso de Letras Italiano da Ufes.

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em julho de 2024.